ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 30 DE SETEMBRO DE 1900 N.° 852 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 59

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.° Anno

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Expozémos nos dois numeros anteriores a incapacidade dos jesuitas para o ensino. Como este ponto é importantissimo, como o nosso fim é divulgar e popularisar a verdade levando ao conhecimento de todos principios e doutrinas contidos em livros que poucos lêem e possuem, como o ensino é a base da vida de um povo, como se arraigou falsamente, com especialidade nas classes ricas, que os collegios jesuiticos são os unicos capazes de habilitar convenientemente a mocidade, achamos de toda a conveniencia insistir um pouco mais ainda sobre essa questão monumental do ensino.

Entre os auctores e livros, citados nos nossos artigos, figura, com «Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos», o sr. Borges Grainha, pertencente a uma familia de jesuitas, ex-jesuita elle mesmo, actualmente professor no lyceu de Lisboa, por conseguinte com auctoridade e conhecimentos especiaes para falar no assumpto. Mas o sr. Borges Grainha ainda tem outro livro, que até agora não citámos aqui: «O Portugal Jesuita», livro posterior, publicado em 1893. Ora d'este vamos nós hoje transcrever a parte curiosa que diz respeito á *capação* dos livros de ensino, adoptados nos collegios jesuiticos.

Depois de referir a alteração dos livros de historia nos dois collegios jesuiticos S. Fiel e Campolide, sendo em S. Fiel adoptado primeiro o Compendio de Historia do Doria, em seguida o do padre Drioux, em seguida o do bispo Daniel, e, em Campolide, primeiro egualmente o do Doria, em seguida o do jesuita Gareau, em seguida o do padre Drioux, por fim o de Consiglieri Pedroso, diz o sr. Borges Grainha, pag. 390 e seguintes:

«Porque se fizeram estas alterações no uso dos compendios? O do Doria foi posto de parte por causa de certas opiniões a respeito do poder dos papas na edade média. Ao principio os padres cortavam do compendio as folhas referentes a esse ponto. Eu estudei por um compendio amputado. Isto praticava-se tambem, algumas vezes, com os *Logares Selectos*, cortando-se-lhes as folhas em que vinha a descripção do Valle de Santarem por Almeida Garrett. Os alumnos davam aos livros, assim mutilados, a alcunha caricata de *capados*. Ainda ha pouco, um medico, ex-alumno de S. Fiel, me recordou este facto. Infelizmente não pude obter nenhum d'aquelles livros mutilados. Mas tenho deante de mim um compendio de *Historia Patria* por Travassos Lopes, para o ensino primario, livrinho que me foi dado por uma menina sahida, ha pouco, d'um collegio de freiras. N'este livro não ha folhas cortadas, mas ha palavras *riscadas* com largos traços de lapis vermelho.

Limpando com uma borracha os traços vermelhos, lêem-se bem as palavras riscadas. Citarei algumas phrases, pondo em gripho as palavras riscadas pelas *boas* e *sábias* professoras:

Pag. 52: (Refere-se ao reinado de D. João III) «A inquisição teve dois effeitos: conter o lutheranismo, *e ser um instrumento horrivel do fanatismo e da politica.*»

«*Estas duas instituições* (inquisição e jesuitas) *eram inimigas.*»

«*O ensino do povo jaz abandonado.*»

Pag. 53: «mas o que é exclusivamente d'este reinado, *é a desmoralisação, o luxo, a inquisição, o jesuitismo, a falta de braços e de capitaes e o absolutismo.*»

Pag. 54: (a respeito do cardeal D. Henrique): «a segunda regencia desde 1562 até 1568, dirigida pelo *fanatico* D. Henrique.»

(A respeito de D. Sebastião): «O jesuita Luiz da Camara escolhido para preceptor e director espiritual do principe, *desenvolveu lhe um fanatismo tal, que poude conseguir que o seu régio pupillo se afastasse do mundo, e só procurasse a perfeição da vida christã.*»

Os que conhecem bem a historia de Portugal sabem quanto são verdadeiras as phrases riscadas: e comtudo as creanças não as podiam lêr... um tal estudo era-lhes vedado!!!

Um cavalheiro, C. M. P., que é professor d'uma escola industrial, e foi muito tempo professor de ensino livre em Lisboa, conta-me, n'uma carta, que um rapaz, sahido do collegio de Campolide, veiu ter com elle, quando professor de ensino livre, para que o preparasse para o exame de historia. Um dia, interrogando-o sobre os factos do reinado de D. José I, o alumno disse os todos, menos um, aliás dos mais importantes. O leccionista fez-lhe primeira e segunda advertencia com o fim de lhe ajudar a recordar esse facto, que era a *expulsão dos Jesuitas* pelo Marquez de Pombal. E lembrando-lh'o afinal o leccionista, o rapaz mostrou-lhe o compendio, que usára no collegio, onde esse facto estava *riscado*.

Como, porém, *riscar* e *cortar* não foram julgados meios sufficientes para enganar os alumnos, os jesuitas mudaram de livros adoptando os compendios já mencionados.

D'esses só pude obter o do bispo Daniel: *Curso de Historia por Monsenhor Daniel, bispo de Coutances.*

No prologo do livro descobre-se claramente o motivo da escolha:

Pag. 6: «apresenta com a maior exactidão os factos, assigna-lhes as suas *verdadeiras* causas e consequencias *e responde victoriosamente* aos argumentos cavillosos, deduzidos da historia, *contra a religião de Christo e da Egreja.*

N'estas palavras está definido o fim do livro, o motivo da sua adopção e a fonte dos seus defeitos. Nos compendios de historia não se deve tratar de argumentos, deve-se tratar dos factos, e das suas causas, que estribam em outros factos anteriores. Quando se quer obrigar a historia a ser defensora d'uma determinada religião, resultam logo, muito naturalmente, falsificações e mutilações de factos. E' o que acontece no tal compendio do bispo francez, tão usado nos collegios religiosos do nosso paiz apezar de desfigurar a historia d'um modo deploravel. Basta vêr o que diz a respeito da *Reforma Religiosa* no seculo XVI e confrontal-o com o que Cesar Cantu, que não é suspeito, diz na sua obra a respeito do mesmo assumpto. O bispo francez transtorna os factos em muitos outros pontos.

Comtudo o livro foi approvado pelo conselho superior de instrucção publica, e por elle foi tambem approvado outro compendio de historia de um padre portuguez, ao qual se mandou apenas modificar o prologo em subsequentes edições; mas, lendo a obra, nota-se que faltam n'ella certos factos importantes, que se pretendem occultar. No nosso paiz correm ainda outros compendios de historia, escriptos por padres com o mesmo fim, e não approvados pelo conselho de instrucção publica.

O Compendio de Historia pelo sr. Consiglieri Pedroso, lente do Curso Superior de Lettras, apezar de ser o melhor compendio portuguez, é o mais detestado, como se prova não só por não ser adoptado nos collegios religiosos e em alguns seminarios, mas por ser perseguido por certos escriptores, como o padre Mattos, o padre Correia Portocarreiro e quejandos. Em Campolide os jesuitas viram-se obrigados a admittil-o por ser adoptado no lyceu de Lisboa, onde os seus discipulos fazem exames; mas um alumno que frequentou a aula de Historia n'esse collegio, quando lá se adoptava o Consiglieri, contou-me que o professor jesuita tentava com frequencia desdizer os factos narrados pelo distincto lente do Curso Superior de Lettras; o que produzia o effeito contrario, porque o professor jesuita (que me nomeou e conheço muito bem) era tido pelos proprios discipulos como pouco habil e menos sabedor.

Nos Collegios das Religiosas faz-se mais: chegam a forjar compendios para uso especial dos seus collegios. Possuo, e tenho actualmente deante de mim, dois d'elles, que me foram offerecidos por uma ex-alumna de um collegio das Salesias. São os seguintes: *Compendio de Historia de Portugal, para uso das Educandas das Salesas* (sic)—Belem 1883. *Compendio de Chorographia de Portugal para uso das Educandas das Salesias.*—Lisboa—1878.—Os compendios são detestaveis e a verdadeira historia subvertida.

N'outro collegio de Religiosas em Lisboa, do qual me chegou ás mãos um Relatorio de distribuição de premios, passa-se ávante: supprime-se, no ensino, a historia de Portugal e a chorographia portugueza. Eis as disciplinas que alli estudam, durante 6 annos meninas de boas familias da capital: *Doutrina Christã*, 6 annos; *Portuguez*, 6 annos; *Inglez*, 6 annos; *Francez*, 6 annos; *Allemão*, só algumas alumnas; *Musica, piano e theoria*, 6 annos.

Estas meninas elegantes ficam sem saber nada da historia do seu e dos outros paizes, nada de geographia, nada de litteratura, etc! Que educação tão elegante!»

Muito elegante, não ha duvida. Mas é essa, é genuinamente essa a educação das mulheres das classes mais elevadas em Portugal.

Tão desgraçada, sob o ponto de vista litterario, que essas mulheres chegam a não saber falar e escrever com decencia a lingua portugueza.

Ha pouco, em Vizeu, um amigo nosso fazia registar civilmente o nascimento d'um filho. Uma beata rica commentava, exclamando: Que *alimal!*

Isto é authentico. O dicto correu mundo e era contado como uma curiosidade de educação litteraria em varios centros da cidade da Beira.

Outro amigo nosso, militar, que fazia em Lisboa guardas ao Paço, contava-nos a ignorancia profunda das damas que jantavam á meza, as quaes falavam uma linguagem de toureiros. E os toureiros serão muito boas pessoas, mas nunca passaram por ter frequentado Coimbra.

Qualquer, que prestar attenção ao meio em que vive, encontrará facilmente a confirmação d'estas nossas affirmações: as mulheres educadas nos collegios jesuiticos saberão combinar a côr dos chapéos com a côr dos vestidos e pegar no talher á meza; saberão as linguas estrangeiras superficialmente; mas a propria lingua nem superficialmente a sabem e sobre historia e geographia em geral e, em particular, sobre a historia e a coreographia patrias são d'uma ignorancia absoluta.

De resto, elles proprios, os jesuitas, confessam que a primeira condição dos seus alumnos é serem religiosos e que a primeira obrigação é rezarem.

«Todos os alumnos do collegio (S. Fiel), diz o relatorio do sr. dr. Sousa Refoios, estudam ao mesmo tempo n'uma unica sala de estudo: e é notavel que sobre as estantes dos alumnos se encontram, em muitos logares, pequenos quadros de santos, quasi todos em posição de estasi profundo: de modo que mesmo na occasião do estudo se desvia o espirito do alumno e se encaminha n'uma direcção determinada.

E isto não desdiz do regulamento para os alumnos externos, que logo á entrada do collegio se encontra n'um quadro; depois de determinar que não será admittido na aula o alumno que não fôr á missa todos os dias, e que não assistir a umas determinadas praticas religiosas e não fizer um certo numero de confissões tem este regulamento o art. 9.° que diz pouco mais ou menos o seguinte:—«lembrem-se que n'este collegio se dá maior importancia á educação religiosa do que á scientifica e litteraria.»

Magnifico. Ao menos aqui são francos.

No de Campolide é que não usam de tanta franqueza. Ao collegio de Campolide concorrem de preferencia os filhos dos *libaraes*. E, então, os padres encolhem as garras e fingem dar aos rapazes a educação commum.

Não dão. A educação, no fundo, é sempre a mesma: hypocrita e falsa.

Ha em Portugal excellentes collegios civis de educação para rapazes, com todos os melhoramentos e aperfeiçoamentos que a civilisação do nosso tempo exige, muito superiores aos collegios jesuiticos. Para raparigas não ha nenhum completo. Comtudo, nem assim estes são inferiores aos collegios religiosos.

Como demonstra o sr. Grainha no seu livro «Os Jesuitas e as Congregações Religiosas em Portugal», o recrutamento das religiosas portuguezas é feito quasi todo nas classes infimas do sociedade. Estas mulheres nunca pódem ter cultura. São raparigas apanhadas nas aldeias pelos missionarios, como a celebre irmã Collecta, por exemplo, de fórma que, áparte alguma estrangeira, que ensina nos melhores collegios da ordem, esta mesma raramente culta, nunca erudita, as mestras das meninas da nossa melhor sociedade nunca se isentam das asneiras populares e, por isso, a gente encontra a cada passo damas beatas dizendo *alimal, crabunculo, degotada, trocida*, etc. *Crabunculo* e *trocida* já nós ouvimos a damas da côrte.

Além d'isso, essas mulheres, que o celibato e a reza tornaram agrestes e áridas como terrenos fragosos, nunca poderão ter a meiguice e ternura que se tornam indispensaveis na educação da creança. Depois, e isto é o mais monstruoso, esses homens, essas mulheres, são renegadas da familia e da patria o que, só por si, bastaria para as incapacitar do ensino, de servir nos asylos e nos hospitaes, e para as tornar indignas de uma sociedade que melhor pezasse o seu interesse, a sua honra, os seus direitos.

Diz uma das regras fundamentaes da *Companhia de Jesus*:

«Cada um dos que entram na Companhia, segundo o Conselho de Christo Nosso Senhor, faça de conta que ha de deixar o pay e a may, irmãos e irmans e quanto tem no mundo, antes tenham por dito a si aquellas palavras: *Aquelle que não tem odio a seu pae e a sua mãe e até á propria vida não póde ser meu discipulo.*» (1)

A confirmação d'esta regra encontra-se na pratica da vida, diariamente. Demonstral-o-hemos no numero seguinte.

Syndicato da graxa

Organisa-se em Aveiro um syndicato para pedir ao governo o monopolio da graxa.

Parece que o primeiro accionista será o sr. desembargador Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte Real, irmão do chefe do partido progressista.

Sua ex.ª vê em volta de si tanto engraxador, consummindo tanta graxa, que reputa o negocio altamente lucrativo.

E deve-o ser.

(1) Unus quisque eorum, qui Societatem ingrediuntur, consilium illud Christi sequendo: Qui dimiserit patrem, etc. existimet sibi patrem, matrem, fratres et sorores, et quid quid in mundo habebat, relinquendum: imo sibi dictum existimet verbum illud. Qui non odit patrem et matrem, insuper et animam suam, non potest meus esse discipulus.

UM CRITICO

O sr. Luiz de Magalhães tambem é dos que entendem que Eça de Queiroz era um partidario do throno e do altar, ou pouco menos, e que tudo quanto disse em contrario foi a *mangar*.

A *ironia*, a maldicta *ironia!*

Como quem diz: um pandego, que se divertia por amor da phrase!

De fórma que razão tinha «O Mundo» para estranhar que alguem houvesse tido a idéa de convidar o sr. Luiz de Magalhães, para falar, junto do cadaver de Eça de Queiroz, em nome das lettras portuguezas.

Eça de Queiroz a *divertir-se por amor da phrase!*

E tanto que, segundo o sr. Luiz de Magalhães, quando Eça de Queiroz refundiu o «Crime do Padre Amaro» poz ao lado das figuras odiosas do padre Amaro, do padre Negrão, etc, a figura sympathica do abbade Ferrão.

Ora claro é que nem Eça de Queiroz, nem ninguem, admitte que todos os padres sejam uns tratantes. Essas figuras poeticas do padre, aliás falsas, imaginou-as já Michelet, imaginou-as já Victor Hugo, que eram, comtudo, formidaveis adversarios do clericalismo, como Eça de Queiroz.

Nem Eça de Queiroz, nem Victor Hugo, nem Michelet, nem Guerra Junqueiro admittem que todos os padres sejam uns bandidos. O que elles sustentam é que o *officio*, pela sua propria essencia, pelas condições e pelo meio em que se exerce, tornam o padre fatalmente mau. O abbade Ferrão era de natureza boa e a sua indole não se pervertera pelo isolamento em que sempre havia vivido, n'um meio inteiramente differente do meio clerical. Só por isto. E como tal Eça de Queiroz o apresenta. Não admittia o grande romancista que uma *boa nascença* désse um *bom caracter*. n'um meio religioso. De fórma que o abbade Ferrão, em vez de provar contra a these d'Eça de Queiroz, que é a corrupção, a desmoralisação, a hypocrisia, a falsidade, a mentira do meio religioso, vem reforçal-a. E, que não fosse esse o espirito do escriptor, nem assim a critica do sr. Luiz de Magalhães teria uma base séria ou sequer discutivel, por isso que é axiomatico que nem ha regra sem excepção nem a excepção altera a regra geral.

Depois o sr. Luiz de Magalhães esqueceu-se de que junto do abbade Ferrão collocou o romancista o medico Gouveia, isto é, junto da ignorancia a sabedoria, junto da crença simples a crença scientifica, junto do metaphysismo o materialismo, junto de uma bondade religiosa uma bondade mundana immensamente superior, porque se aquella obedecia ao impulso e á recompensa de Deus, esta obedecia apenas á Consciencia, a essa Consciencia que não espera outra recompensa que não seja a consolação do dever cumprido, o simples dever do homem em face do homem e da natureza. Esse medico Gouvêa que dizia ao abbade, quando, depois de assistir ao parto da amante do padre, esperava a crise que previa e temia, «que a educação d'um sacerdote só consistia em lhe supprimir violentamente os sentimentos mais naturaes, em lhe evitar todo o conhecimento e toda a idéa que seja capaz de abalar a fé catholica; isto é, na suppressão forçada do espirito de indagação e de exame, portanto de toda a sciencia real e humana», palavras que demonstram bem, da parte d'Eça de Queiroz, a condemnação formal do padre como elemento de civilisação e de humanidade.

O sr. Luiz de Magalhães demonstrou pouco talento no seu artigo de critica. A discussão, havida entre o medico e o abbade, junto ao quarto da doente, bastaria para que qualquer espirito observador não podesse admittir a hypothese de que Eça de Queiroz tentou salvar com a figura do padre Ferrão as figuras odiosas do conego Dias, do padre Natario, do padrão Negrão, etc, ou diminuir, pelo menos, a impressão deixada nos leitores por aquellas famosas *columnas da Egreja*.

E a audacia com que o sr. Luiz de Magalhães escreve que Eça de Queiroz não era violento? Pois ha nada mais violento que esse «Crime do Padre Amaro», que a *Reliquia*, que o *Primo Bazilio*, que os *Maias*, da primeira á ultima pagina a *charge* mais violenta, na idéa e até na fórma, que se tem escripto contra a sociedade actual portugueza em lingua portugueza?

Pois o padre Natario, dando expansão ao seu odio contra o João Eduardo, pois o padre Amaro em toda a sua scena de seducção e de luxuria, pois o pulha do Carlos da Maia dormindo com a irmã e matando o avô, pois a propria tia do Raposo, a D. Patrocinia, virgem feroz, não são as figuras mais violentas e mais violentamente descriptas, no sentido nobre da palavra, que se encontram em livros portuguezes? Ou o sr. Luiz de Magalhães julgará que por violentos só se podem entender os redactores da «Corneta do Diabo»?

Pois essa figura do medico Gouveia, a unica que respira grandeza no livro, não será a verdadeira identificação das doutrinas philosophicas do auctor do «Crime do Padre Amaro» e não será a expressão do sentir real d'Eça de Queiroz, no dialogo com João Eduardo, quando este vae pedir ao medico que interponha a sua influencia para que a Amelia fique de bem com elle, e no dialogo com o abbade na casa da Ricoça?

Pois essas doutrinas, pois essas opiniões philosophicas, pois esse sentir materialista do auctor não é confirmado na *Reliquia* quando o Raposo, depois de entregar á tia como reliquia a camisa da prostituta Mary, depois de receber da tia *o oculo* como unica herança, increpa o Christo crucificado, no quarto da Travessa da Palha, e o Christo lhe responde: «Eu não sou Jesus de Nazareth nem outro Deus creado pelos homens... Sou anterior aos deuses transitorios: elles dentro em mim nascem; dentro em mim duram; dentro em mim se transformam; dentro em mim se dissolvem: e eternamente permaneço em torno d'elles e superior a elles, concebendo-os e desfazendo-os, no perpetuo esforço de realisar fóra de mim o Deus absoluto que em mim sinto»; quando Jesus conclue: «Chamo-me a Consciencia»; quando o Raposo emmudece; quando, entrando na posse de si, consulta a sua consciencia; quando esta lhe diz que Jesus não era filho de Deus e de uma mulher casada de Galiléa, *cuspindo* então o Raposo, dos labios, *tornados para sempre verdadeiros*, o resto inutil da oração?

Pois o homem que tal escreveu era, por ventura, esse *blagueur* que os collaboradores na obra da degradação nacional nos querem *impingir?*

A ironia d'Eça de Queiroz, diz o sr. Luiz de Magalhães no artigo da *Tarde* «é tudo o que de mais leve, de mais adejante, de menos brutal, de menos violento, de menos sarcastico, portanto, se póde imaginar.

Não ha, pois, sarcasmo na sua obra—porque o não havia na sua alma.»

Diz-se-hia que este senhor nunca lêu os trabalhos d'Eça de Queiroz! Que, embora não os lêsse, a menor reflexão lhe mostraria que um escriptor realista ha de ser necessariamente brutal nas situações, no scenario, nos dialogos, nas modalidades, desde que a brutalidade é um facto permanente da vida real. O bruto sobrepuja o homem!

Nada mais sarcastico que esse padre Natario falando no seu *bom coração*, depois de ter estado a planear, na egreja, ao pé d'um cadaver, a morte, pela miseria, pela fome, do infeliz João Eduardo.

Nada mais sarcastico que esse padre Amaro folgando em Lisboa e dizendo ao conego Dias que já não *confessava senão casadas*, depois de ter arremessado á sepultura uma rapariga e de ter mandado matar o proprio filho. Nada mais sarcastico e nada mais brutal, como nada mais sarcastico e nada mais brutal que toda a cumplicidade, d'esses dois pulhas, o padre Amaro e o conego Dias!

O excellentissimo senhor Luiz de Magalhães julgará que escreve n'um paiz de estupidez unanime?

Nada mais brutal do que o padre Amaro, chamado para dar as benções e os soccorros da Egreja a uma moribunda, fazendo luxuria com a Amelia ao pé do quarto d'essa moribunda. Nada mais brutal, mais repugnante do que as scenas de deboches em casa do tio *Esguelha*, por cima do quarto da desgraçada Tótó, cuja miseria e doença serviam de pretexto ao encontro do padre, d'um ministro de Deus, com a Ameliasinha. Nada mais sarcastico do que o padre a fazer luxos com a Ameliasinha na sachristia da Sé, quando lhe punha aos hombros a capa de Nossa Senhora, presente da devota rica de Ourem, preparando-se, para ahi mesmo, satisfazer sobre ella os seus desejos excitados pela nova *toilette* da amante e, quando esta gritava: «que horror, que peccado!...»—o bruto, cujos instinctos animaes apparecem na razão directa da suppressão das suas nobres faculdades de homem,—exclamando: «Tolice... Não está benzida... Não tem duvida...»

Nada mais sarcastico do que o epitaphio do Moraes, no cemiterio. Nada mais torpe e mais violento que essa figura do Godinho quando repelle o João Eduardo, esse Godinho, que é a synthese de toda a politica da nossa terra!

Isto sem sahir do «Crime do Padre Amaro.»

Não ha sarcasmo na sua obra!

Como isto se escreve! E tem fóros de litterato o homem que o escreve!

Era com mágua que nós, aveirenses, nós os aveirenses de algum ideal, que poucos sômos, viamos o filho de José Estevão anichado nas saias da reacção, com tanta maior mágua quanto é certo o sr. Luiz de Magalhães dizer que respeita fielmente as doutrinas e que fielmente procura manter as tradicções do glorioso orador das *Irmãs da Caridade!* Com maior mágua o vémos agora collaborar n'esse crime de lesa humanidade e de lesa nação com que a monarchia procura sophismar, em seu proveito, todas as glorias e todos os serviços nacionaes, desde o serviço do obscuro soldado que morre em Africa batendo-se pelos interesses inglezes, que não pela honra da nossa bandeira, tantas vezes humilhada sem protesto, a bandeira *d'essa patria para sempre passada*, palavras memoraveis com que Eça de Queiroz fecha esse admiravel romance que se chama o «Crime do Padre Amaro», até ao glorioso escriptor cuja gloria quer apagar a todo o transe senão agarrar e apregoar como seu, apezar da evidencia dos seus livros, tão nitidos, tão decisivos, tão eloquentes na condemnação de toda a sociedade dirigente d'este paiz, de todos os seus preconceitos, de todas as suas tolices, de toda a sua ignorancia, de todo o seu crime.

E' o facto.

TANTA MISSA!

O sr. Francisco de Castro Mattoso não é tolo, meninos. Pois os meninos imaginam que o intrujam com missas? O sr. Castro Mattoso bem sabe que essas missas não são ditas por intenção da alma de seu filho, mas por intenção dos favores que os *missarios* esperam obter de s. ex.ª

São missas de mais, rapazes. Isso é pouca esperteza. Isso é falta de habilidade no servilismo.

Vocês até no servilismo são insignificantes, ó rapazes!

Lá diziam os velhos:

Quem muito se abaixa...

E assim é que é.

Então vamos a saber...

Quando é que os senhores regeneradores de Aveiro restituem ao conselho a freguezia da Palhaça?

Então tanto barulho e agora nem pio?

Então eram comicios, era jornalada a berrar, era o Domingos a gritar que pouca vergonha assim só no Brazil, era o André a dizer gravemente que até parecia que já estavamos em Republica, consta que um dos motivos da *pelingrinação*, em que tomou

---

(58) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXII

Foi por interromperem a sua viagem para me darem soccorro que uma parte da minha desgraça cahiu sobre elles. E de mais elles poderão ajudar-me a pagar o meu resgate.

— Se te referes aos porcos saxões, disse Testa-de-Boi, o seu resgate dependerá de condições alheias ás tuas. Pensa no que te diz respeito, judeu, e não te importes com os negocios dos outros.

— Então, disse Isaac, só eu recuperei a liberdade juntamente com o meu amigo doente?

— Precisarei de recommendar duas vezes a um filho de Israel, disse Testa-de-Boi, que trate do que lhe diz respeito e deixe que os outros tratem da sua vida? Visto que fizeste a tua escolha, não tens mais que pagar o teu resgate, e o mais cedo possivel.

— Escuta-me, disse o judeu, em nome da quantia que queres obter a despeito da tua...

Parou de repente com receio de irritar o barbaro normando. Mas Testa-de-Boi riu-se e elle proprio se encarregou de terminar a phrase em que o judeu hesitara.

— A despeito da minha consciencia, não é assim, Isaac? Pódes falar á vontade; já te disse que sou razoavel. Não me incommodam as censuras de quem perde, ainda que seja um judeu. Tu não tinhas tanta paciencia, Isaac, quando invocavas a justiça contra Jacques Fitzdotterel por elle te haver chamado usurario e sanguesuga, depois de lhe teres devorado o patrimonio com as tuas extorsões.

— Juro pelo Talmud, disse o judeu, que Vosso Valor foi mal informado a esse respeito. Fitzdotterel levantou o seu punhal contra mim, na minha propria casa, por eu lhe reclamar a minha divida. O praso de pagamento terminava na Paschoa.

— Eu não me importo com o que elle fez, disse Testa-de-Boi, o que eu quero saber é quando me pagas. Quando me contarás os *shekels*, Isaac?

— E' necessario enviar minha filha a York, com um salvo-conducto passado por vós, nobre cavalleiro, e logo que volte um homem a cavallo, o dinheiro...

Suspirou profundamente e accrescentou, depois de uma pausa de alguns segundos:—O dinheiro será contado aqui mesmo.

— Tua filha! exclamou Testa-de Boi, como que surprehendido. Pelo céo, Isaac, eu quizera tel-o sabido antes. Eu julguei que essa rapariga de olhos pretos era tua concubina e dei-a por serva a *sir* Brian de Bois-Guilbert, á moda dos patriarchas e dos heroes dos tempos antigos, os quaes nos deixaram muito bons exemplos n'esse genero.

O grito levantado por Isaac ao ouvir esta communicação brutal retumbou na abobada do carcere e espantou os dois sarracenos de tal maneira que largaram o judeu. Este aproveitou essa circumstancia para se atirar ao chão e abraçar os joelhos de Testa-de-Boi.

— Tomae tudo quanto me pedistes, *sir* cavalleiro, disse elle; tomae dez vezes mais, reduzi-me á miseria e á mendicidade, se quizerdes; atravessae-me com o vosso punhal, mandae-me assar n'aquella fornalha, mas poupae minha filha, salvae a sua honra! Se nascestes d'uma mulher, poupae uma rapariga sem defesa... Ella é a imagem da minha querida Rachel; é o ultimo dos penhores do seu amor. Quereis privar um viuvo da unica consolação que lhe resta? Quereis reduzir um pae a lamentar que a unica filha que ainda tem não esteja deitada ao lado de sua mãe, no cemiterio?

— Não o saber eu mais cedo! disse o normando, um tanto commovido. Eu pensava que a tua raça

parte o nosso devoto amigo e illustre conterraneo Rainha, foi a propria Palhaça, indo assim a questão até Sua Santidade, e agora *tres vezes nove vinte e sete?*

Então o que fazem os patriotas regeneradores?

Então a patriotice toda fica nas missas por alma do filho do sr. Mattoso e nas zumbaias continuas da *Vitalidade* ao mesmo sr. Mattoso?

Vamos tel-as boas e bonitas. Pelo menos de palavras, que ainda são balas bem boas. Deixem lá os tolos chamar ás *tosas* jornalisticas *balas de papel.*

Vamos tel-as boas e bonitas. Logrados por todos e sem protesto, é que não.

Então os da Feira apanham Espinho, ao que se diz, e Aveiro nem a Palhaça, sequer?

Vivam os patriotas!

Vivam!

Vivam!

Debaixo dos Arcos.

O Domingos, correndo esbaforido:

— Aquillo estava previsto no meu livro de finanças. Se o Brazil acceita as minhas theorias estava salvo. Mas não me quiz ouvir a mim, nem ao André, que é uma cabeça...

— O sr. cardeal patriarcha, que eu tive a honra de conhecer na pelingrinação, interrompeu o Rainha, dizia *um cabeça.*

— Lá isso não, disse, voltando atraz, o José Reynaldo, que ia passando. Então, grammaticalmente, deveria ser: *um cabeço*, não só por *um* concordar com *cabeço* mas ainda por se tratar de macho.

EÇA DE QUEIROZ

E

AS SUAS OBRAS

(Do *Crime do Padre Amaro*)

Amaro entrou em casa ainda um pouco trémulo, mas muito decidido, muito feliz: tinha um dever delicioso a cumprir! E dizia alto, com passos graves pela casa, para se compenetrar bem d'essa responsabilidade estimada:

— E' do meu dever! E' do meu dever!

Como christão, como parocho, como amigo da S. Joanneira o *seu dever* era procurar Amelia, e, com simplicidade, sem paixão interessada, contar-lhe que fôra João Eduardo, o seu noivo, que escrevera o *Communicado.*

Foi elle! Diffamou os intimos da casa, sacerdotes de sciencia e de posição; desacreditou-a a ella; passa as noites em deboche na possilga do Agostinho; insulta o clero, baixamente; gaba-se de irreligião; ha seis annos que se não confessa! Como diz o collega Natario, é uma féra! Pobre menina! Não, não podia casar com um homem que lhe impediria a *vida perfeita*, lhe achincalharia as boas crenças! Não a deixaria rezar, nem jejuar, nem procurar no confessor a direcção salutar, e, como diz o santo padre Chrysostomo, «amadureceria a sua alma para o inferno»! Elle não era seu pae, nem seu tutor; mas era parocho, era pastor:—e se a não subtrahisse áquelle destino heretico pelos seus conselhos graves, pela influencia da mãe e das amigas,—seria como aquelle que tem a guarda d'um rebanho n'uma herdade, e abre indignamente a cancella ao lobo! Não, a Ameliasinha não havia de casar com o *atheu!*

E o seu coração então batia forte sob a effusão d'aquella esperança Não, o outro não a possuiria! Quando viesse a apoderar-se legalmente d'aquella cinta, d'aquelles peitos, d'aquelles olhos, d'aquella Ameliasinha,—elle, parocho, lá estava para lhe dizer alto: *Para traz, seu canalha! isto aqui é de Deus!*

E tomaria então bem cuidade em guiar a pequena á salvação! Agora o *Communicado* estava esquecido, o senhor chantre tranquilisado: d'ahi a dias poderia voltar sem susto á rua da Misericordia, recomeçar os deliciosos serões—apoderar-se de novo d'aquella alma, formal-a para o paraiso...

E aquillo, Jesus! não era uma intriga para a arrancar ao noivo: os seus motivos (e dizia-o alto, para se convencer melhor) eram muito rectos, muito puros: aquillo era um trabalho santo para a arrancar ao inferno: elle não a queria para si, queria-a para Deus! ... *Casualmente*, sim, os seus interesses de amante coincidiam com os seus deveres de sacerdote. Mas se ella fosse vesga e feia e tola, elle iria egualmente á rua da Misericordia, em serviço do céo, desmascarar o sr. João Eduardo, diffamador e atheu!

E, socegado por esta argumentação, deitou-se tranquillamente.

Mas toda a noite sonhou com Amelia. Tinha fugido com ella: e ia-a levando por uma estrada que conduzia ao céo! O diabo perseguia o; elle via o, com as feições de João Eduardo, soprando e rasgando com os cornos os delicados seios das nuvens. E elle escondia Amelia no seu capote de padre, devorando-a por baixo de beijos! Mas a estrada do céo não findava.—«Onde é a porta do paraiso?» perguntava elle a anjos de cabelleiras d'ouro que passavam, n'um dôce rumor de azas, levando almas nos braços. E todos lhe respondiam:—«Na rua da Misericordia, na rua da Misericordia numero nove!» Amaro sentia-se perdido: um vasto ether côr de leite, penetravel e macio como uma pennugem d'ave, envolvia-o, e elle procurava debalde uma taboleta de hospedaria! Por vezes resvalava junto d'elle um globo reluzente d'onde sahia o rumor d'uma creação; ou um esquadrão d'archanjos, com couraças de diamantes, erguendo alto espadas de fogo, galopavam n'um rythmo nobre...

Amelia tinha fome, tinha frio. «Paciencia, paciencia, meu amor!» dizia-lhe elle. Caminhando, vieram a encontrar uma figura branca, que tinha na mão uma palma verde. «Onde está Deus, nosso pae?» perguntou-lhe Amaro, com Amelia conchegada ao peito. A figura disse:—«Eu fui um confessor, e sou um santo: os seculos passam, e immutavelmente, sempiternamente sustento na mão esta palma e banha-me um extasi egual! Nenhuma tinta modifica esta luz para sempre branca; nenhuma sensação sacode o meu sêr para sempre immaculado; e immobilisado na bemaventurança, sinto a monotonia do céo pesar-me como uma capa de bronze. Oh! pudesse eu caminhar a passos largos nas torpezas differentes da terra—ou bracejar, sob as variedades da dôr, nas chammas do purgatorio!»

Amaro murmurou: «Bem fazemos nós em peccar!»—Mas Amelia desfallecia fatigada. «Durmamos, meu amor!» E, deitados, viam estrellas fluctuando n'uma poeirada como o joio sacudido vivamente do crivo. Então nuvens começaram a dispôr-se em torno d'elles, em prégas de cortinados, dando um perfume de *sachets*: Amaro pousou a sua mão sobre o peito d'Amelia: um enleio muito dôce enervava-os: enlaçaram-se, os seus labios pegavam-se humidos e quentes: —«Oh, Ameliasinha!» murmurava elle. — «Amo-te, Amaro, amo-te!» suspirava ella.—Mas de repente as nuvens afastaram-se como os cortinados d'um leito; e Amaro viu deante o diabo que os alcançára, e que, com as garras na cinta, esgaçava a boca n'uma risada muda. Com elle estava outro personagem: era velho como a substancia; nos anneis dos seus cabellos vegetavam florestas; a sua pupilla tinha a vastidão azul d'um oceano; e nos dedos abertos, com que cofiava a barba infindavel, caminhavam, como em estradas, filas de raças humanas.—«Aqui estão os dois sujeitos», dizia-lhe o diabo retorcendo a cauda.—E por traz Amaro via agglomerarem-se legiões de santos e de santas. Reconheceu S. Sebastião com as suas settas cravadas; Santa Cecilia trazendo na mão o seu orgão; por entre elles sentia balarem os rebanhos de S. João; e no meio erguia-se o bom gigante S. Christovão apoiado ao seu pinheiro. Espreitavam, cochichavam! Amaro não se podia desenlaçar de Amelia, que chorava muito baixo; os seus corpos estavam sobrenaturalmente collados; e Amaro, afflicto, via que as saias d'ella levantadas descobriam os seus joelhos brancos.—«Aqui estão os dois sujeitos», dizia o diabo ao velho personagem, «e repare o meu prezado amigo, porque todos aqui somos apreciadores, que a pequena tem bonitas pernas!» Santos vetustos alçaram se sôfregamente em bicos de pés,(1) estendendo pescoços onde se viam cicatrizes de martyrios: e as onze mil virgens bateram o vôo como pombas espavoridas! Então o personagem, esfregando as mãos d'onde se esfarelavam universos, disse grave: «Fico inteirado, meu caro amigo, fico inteirado! Com que, senhor parocho, vae se á rua da Misericordia, arruina-se a felicidade do sr. João Eduardo (um cavalheiro), arranca-se a Ameliasinha á mamã, e vem-se saciar concupiscencias reprimidas a um cantinho da Eternidade? Eu estou velho—está rouca esta voz que outr'ora tão sabiamente discursava pelos valles. Mas pensa que me assombra o senhor conde de Ribamar, seu protector, apesar de ser um pilar da Egreja e uma columna da Ordem? Pharaó era um grande rei—e eu afoguei-o, e os seus principes captivos, os seus thesouros, os seus carros de guerra, e as manadas dos seus escravos! Eu cá sou assim! E se os senhores ecclesiasticos continuarem a escandalisar Leiria—eu ainda sei queimar uma cidade como um papel inutil, e ainda me resta agua para diluvios!» E voltando-se para dois anjos armados de espadas e lanças, o personagem bradou: «Chumbem uma grilheta aos pés do padre, e levem-no ao abysmo numero sete!» E o diabo gania: «Ahi estão as consequencias, senhor padre Amaro!» Elle sentiu se arrebatado de sobre o seio d'Amelia por mãos de braza; e ia luctar, bradar contra o juiz que o julgava—quando um sol prodigioso que vinha nascendo do Oriente bateu no rosto do personagem, e Amaro, com um grito, reconheceu o Padre Eterno!

Acordou banhado em suor. Um raio de sol entrava pela janella.

(Continúa.)

(1) Realmente, este Eça de Queiroz era mesmo um santo, um santinho inoffensivo, sem «nenhum azedume», sem «nenhum fel», sem «nenhum veneno», como pretende o sr. Luiz de Magalhães no artigo publicado na «Tarde», a que n'outro logar nos referimos.

---

só estimava os sacos do dinheiro.

— Não nos julgues tão vis como isso, apezar de sermos judeus, disse Isaac aproveitando promptamente aquelle vislumbre de apparente sympathia; a rapoza perseguida e o gato bravo a que se infligem mil torturas amam os seus filhos,—a raça de Abrahão, desprezada e perseguida, ama os seus filhos.

— Assim será, disse Testa-de-Boi; acredital-o-hei para o futuro, em attenção a ti, Isaac; mas isso não serve de nada n'esta occasião, eu não posso desfazer o que está feito ou que está para se fazer. Dei a minha palavra ao meu companheiro d'armas e não faltarei a ella por dez judeus e dez judias ainda por cima. Demais, porque dizes tu que ha de acontecer mal á rapariga por estar em poder de Bois-Guilbert?

— Acontecerá, acontecerá com certeza! exclamou Isaac torcendo as mãos de desespero; quando foi que os templarios se importaram com a vida de um homem ou com a honra de uma mulher?

— Cão! infiel! exclamou Testa-de-Boi com olhos faiscantes e não desgostando, talvez, de ter um pretexto para se enfurecer,—não blasphemes da Santa Ordem do Templo de Sião, mas trata de me pagares o resgate que prometteste, ou pobres d'essas guellas!

— Salteador! infame! bradou Isaac retorquindo aos insultos do seu oppressor com um furor impotente, mas que já lhe era impossivel conter. Não te pagarei nada, não te pagarei um *penny* de prata, emquanto minha filha não estiver livre com segurança e honra!

— Tu estás em teu juizo, israelita? disse o normando brutalmente. Possues algum encanto que te preserve a carne e o sangue do ferro em braza e do azeite a ferver?

— Não me importo com isso! disse o judeu, a quem a affeição paternal levara ao supremo desespero.—Faze o que quizeres. A minha carne e o meu sangue é minha filha, que me é mil vezes mais cara do que estes membros ameaçados pela tua crueldade. Não te darei dinheiro algum, a não ser para o deitar derretido para dentro das tuas guellas vorazes; não, não te darei nem um *penny* de prata, nazareno, ainda que fosse para te livrar da condemnação eterna, que toda a tua vida tens merecido! Tira-me a vida, se quizer s, e vae dizer como o judeu no meio das suas torturas soube mallograr os desejos do christão.

— Isso é o que nós vamos vêr, disse Testa-de-Boi; porque, pela santa cruz, abominada pela tua maldita raça, tu vaes experimentar os ultimos tormentos do ferro e do fogo! Despi-o, escravos, e amarrae-o em cima das barras.

A despeito dos fracos esforços do ancião, os sarracenos haviam-lhe tirado o manto e dispunham-se a despil-o completamente quando o som de uma buzina, repetido duas vezes do lado de fóra do castello, penetrou ás profundezas da masmorra, ouvindo-se logo em seguida altas vozes chamando por *sir* Reginaldo Testa-de Boi.

(Continúa.)

A MONARCHIA ESTÁ EM PERIGO

A monarchia portugueza vae correr o grave risco de perder o André. André era republicano e toda a sua illustre familia. André foi para o Brazil com toda a sua illustre familia e André e toda a sua illustre familia amaldiçoavam este paiz, á partida, dizendo d'elle, como Scipião, que ossos de André e familia não apanharia o *jardim á beira-mar plantado.*

Mas Brazil, reconhecendo, aliás, o excepcional merecimento de André, não lhe quiz entregar logo á primeira a presidencia da *Republica.* André protestou, mas o Brazil moita. André tornou a protestar e Brazil, reconhecendo sempre os altos merecimentos d'André, amuou e jurou deixar André a protestar. Brazil foi indigno, porque não deu a André nem o mais infimo emprego publico.

Então André, com o desespero de todo o homem de genio que se sente desprezado pela mediocridade triumphante, voltou as costas jurando odio á republica.

E veio para Portugal dizer que tinha deixado de ser republicano depois que tinha visto a republica do Brazil.

O Zé Manhanhas ainda observou:—«O' sr. Andrésinho, mas eu ouvia dizer que ha uma grande republica nos Estados-Unidos da America do Norte, outra grande republica em França, e que tanto esses paizes como a Suissa, como o Mexico, como o Chile, etc, se governam muito bem com republica. Logo mal parece, havendo tanta republica boa, *vósoria* dizer que deixou de ser republicano por ter visto a republica do Brazil.»

Zé Manhanhas assim dizia. Mas se o Zé Manhanhas governasse Portugal adeus Portugal, e Portugal é um dos maiores paizes da terra.

Zé Manhanhas não foi ouvido, os conselheiros da monarchia apressaram-se a agarrar o André,—uma pechincha,—e André pechinchou.

Mas agora, que o *Lyrio Pendente* vem com a mania dos concursos?!

André fazer concurso?!!!

Não póde ser.

E André é capaz de voltar as costas á monarchia como voltou as costas á republica.

A monarchia está em perigo.

A FESTA DA BARRA

A'manhã despovoa-se Aveiro para ir assistir á festa que todos os annos se realisa na Barra. Pelas 7 horas da manhã principia a debandada que se prolonga até ao meio dia. Ranchos de romeiros, com os seus cestos de jantares, n'uma alegria indiscriptivel, atravessam as ruas da cidade em direcção áquella praia.

A ria vae coalhada de barcos embandeirados, apresentando um panoramma lindissimo, a ajuizar pelos demais annos.

Emfim, é a festa que mais enthusiasmo desperta aos aveirenses.

*

A romaria da Senhora da Saude, na Costa Nova, já não tem o enthusiasmo d'outros tempos. Ainda assim houve hontem n'aquella praia illuminação, fogo preso e musica.

Hoje á tarde tem arraial.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio. 42 a 44

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

"O NORTE,,

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

ANNUNCIOS

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó verniizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES! Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos